

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Editorial
Diálogo
Movimentos
Sociais

Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans

*Por una Epistemología de las Resistencias:
Presentando Saberes de Travestis,
Transexuales y Otras Personas Trans*

*For an Epistemology of Resistances: Presenting
the Knowledge of Travestis, Transsexual, and
Other Trans Persons*

Bruna G. Benevides

Associação Nacional de Travestis e Transexuais
/ ANTRA - Brasil
bruna-marx@hotmail.com

Débora Lee

Ong Renascer – Brasil
deboralee_06@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

BENEVIDES, Bruna G.; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 252-255, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Durante muitos anos travestis, transexuais e demais pessoas trans brasileiras foram objeto de estudo para a academia e muito raramente puderam falar sobre seus próprios saberes. Talvez devido aos processos de exclusão, não tenhamos conseguido chegar a academia ou sequer concluir os estudos fundamental e médio. O que sempre nos colocou em lugar de subalternidade e não reconhecimento de nossas narrativas como sendo legítimas.

Nossos corpos são objeto de curiosidade científica, mas não de autoridade de saber. Somos vistas como ininteligíveis para a pesquisa ou construção do saber. Os espaços escolares, desde a mais tenra idade até as instituições superiores, são interditados às vivências de pessoas que não correspondem às normas de gênero e sexualidades, como expresso em Silva, Ornat e Chimin Júnior (2013).

O Trans epistemicídio faz parte do contexto social de violências, genocídio e morte simbólica de Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans e demais pessoas Trans. E reflete a desvalorização, apagamento e extermínio dos saberes referenciais das pessoas trans, das suas narrativas e contribuições para a ciência. Pesquisadoras/es trans comumente são preteridos e seus trabalhos contestados pelos espaços acadêmicos. Além disso, há a dificuldade de poderem falar abertamente sobre aquilo que os representa, sentem e desejam, sem a interdição do poder da ciência.

As tentativas de extermínio das possibilidades de nossas existências por parte da sociedade heteronormativa são cotidianas, como argumenta Mbembe (2003). Sobreviver já é, em si, uma grande vitória para pessoas como nós e obter sucesso escolar é uma exceção, cuja condição lutamos todos os dias. Esta configuração de menos-valia social é paulatinamente orquestrada para que o insucesso escolar seja interpretado como fracasso individual e não como resultante das ações de um problema estrutural de uma sociedade excludente que não reconhece nossa humanidade e desrespeita nossas existências.

Mesmo assim, por teimosia e insurgência, algumas de nós têm conseguido chegar às universidades e aos cursos de pós-graduação deste país. Somos poucas, mas somos potentes. E seremos sempre resistência, dentro e/ou fora da academia.

Este volume que reúne os saberes de travestis e transexuais deve ser celebrado. Pois se torna um marco para a produção acadêmica e afirma nosso interesse em construir novas formas de relações políticas com a academia brasileira. Queremos e lutaremos por parcerias com as instituições de pesquisa e ensino superiores, porque o afastamento político não é uma boa estratégia para um grupo que já sofre várias formas de isolamento social.

Contudo, as parcerias devem ser negociadas para que nossas vidas não sejam extraídas de nossos relatos de experiências e se torne mercadoria valiosa nas mãos de outros. Que as pessoas não mais se sintam confortáveis em falar por nós. Enchendo lattes de textos, alguns totalmente vazios da humanidade pulsante da nossa população. Falem conosco. Ouçam nossas vozes e as contribuições que temos para apresentar.

Queremos e temos o direito de participar das estruturas de produção de saberes científicos que criam representações sociais daquilo que somos. Criar versões sobre a realidade é um ato de poder!

A ciência construiu seus diagnósticos sobre nós como subalternos, doentes, coitados e marginais que precisavam ser curados a todo custo. Nossos corpos precisavam ser interditados pelo estado e pelos saberes. Medicados e curados. Normatizados.

Não precisamos de cura, carecemos de oportunidades e possibilidades de acolhimento de nossas potencialidades de vida, de projetar horizontes futuros. Reivindicamos que nossa existência seja valorizada e que nossos direitos sejam respeitados. O campo científico, ao construir discursos que corroboraram com nossa exclusão e morte social, conforme Agamben (1998), também pode ser subvertido e é o que faremos nesse volume de artigos. Trazemos a ciência para ser um canal de interlocução com a sociedade, maneja as teorias e metodologias com um toque especial que contempla as posicionalidades de pessoas não-cisgeneras como detentores de saberes que oferecem acolhimento, justiça e oportunidades.

Fazemos uma ciência de guerrilha porque temos que minar aos poucos a ciência hegemônica que nos excluiu, adoeceu e descreditou do valor das teorias que somos capazes de produzir. Subversivas que somos, adotamos a posição de ruir os poderes instituídos com nossos saberes, nossos corpos, nossa capacidade e das oportunidades que tivemos, para lutar por uma legitimidade científica e lugares de enunciação na academia. Somos desobedientes à norma que nos ditou a exclusão do campo científico, tal qual propõe Mignolo (2004).

As marcas da rebeldia que trazemos em nossos corpos contra o lugar subalterno e abjeto que nos foi atribuído por uma sociedade que não tolera as diferenças, faz parte da produção científica que trazemos para o debate. O espaço do corpo como lugar de batalha para conquista da aparência corpórea possível, não hegemônica, não binária e não cisgênera, que traga conforto psicossocial é um dos temas centrais desta coletânea de artigos. Destaca-se também aqui as trajetórias de conquista dos espaços escolares, constituídos de dores, preconceitos e resistências. Além destes temas, há também a abordagem da relação entre corpos não normativos e a cidade em suas mais variadas escalas espaciais.

Travestis e transexuais produzindo ciência sobre suas existências é uma forma de assumir de uma vez por todas que um saber é sempre posicionado e que nós temos um lugar de onde podemos falar com autoridade e sermos reconhecidas por isto, como proposto por Haraway (1988). Esse volume da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero é uma conquista nossa, mas com certeza um ganho científico e também para toda a sociedade brasileira.

Antes, analfabetas, sempre estivemos nas trincheiras da resistência. Agora, munidas do saber científico, seremos mais resistência ainda. Sem esquecer de onde viemos e onde queremos chegar.

Referências

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: Sovereign Power and Bare Life. Stanford: Stanford University Press, 1998.

HARAWAY, D. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 4, n. 3, p. 575-599. 1988.

**Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis,
Transexuais e Demais Pessoas Trans**

MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**, v. 15, n. 1, p. 11-40. 2003.

MIGNOLO, W. D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, B. de S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.